

Os tempos do ser jovem: representação das temporalidades juvenis em *Malhação - Viva a Diferença*

The times of being young: representation of youth temporalities in Malhação - Viva a Diferença

Los tiempos de la juventud: representación de las temporalidades juveniles en Malhação - Viva a Diferença

Denise Figueiredo Barros do PRADO¹
Amanda Magalhães FERREIRA²

Resumo

Este artigo analisa como se dá a organização das temporalidades a partir da representação das juventudes das coprotagonistas de *Malhação – Viva a Diferença* (2017/2018), Benê, Ellen, Keyla, Lica e Tina. Nesta abordagem, discute-se como as experiências juvenis revelam formas singulares de se relacionar com o tempo, de modo que as temporalidades são entendidas como afetadas pela heterogeneidade das experiências das protagonistas. A metodologia adotada envolve uma compreensão das televisualidades (ROCHA, 2016) por meio da análise das trajetórias biográficas das personagens. Foram elaboradas três categorias analíticas: “tempo cotidiano”, “tempo biográfico” e “tempo familiar-social”. A partir delas, observou-se que as trajetórias biográficas, bem como suas inserções sociais mais amplas, afetam a constituição da experiência temporal das jovens.

Palavras-chave: Temporalidades; Juventudes; Malhação.

Abstract

This article analyzes how temporalities are organized based on the representation of the youths of the co-protagonists of *Malhação – Viva a Diferença* (2017/2018), Benê,

¹ Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto, Doutora em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais. Coordenadora e co-líder do Grupo de Pesquisa em Mídia e Interações Sociais – GIRO (UFOP/CNPq). O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. E-mail: denisefbp@gmail.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0547-9896>.

² Mestre em Comunicação e Temporalidades pela Universidade Federal de Ouro Preto. Membro do Grupo de Pesquisa em Mídia e Interações Sociais – GIRO. E-mail: amanda2magalhaes@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0092-306X>.



Ellen, Keyla, Lica, and Tina. In this approach, we discuss how youth experiences reveal unique ways of relating to time, so those temporalities are understood to be affected by the heterogeneity of the protagonists' experiences. The methodology adopted involves an understanding of televisualities (ROCHA, 2016) through the analysis of the characters' biographical trajectories. Three analytical categories were elaborated: “everyday time”, “biographical time” and “family-social time”. From them, it was observed that the biographical trajectories, as well as their broader social insertions, affect the constitution of the young people's temporal experience.

Keywords: Temporalities, Youths, *Malhação*.

Resumen

Este artículo analiza cómo se organizan las temporalidades desde la representación de las jóvenes coprotagonistas de *Malhação – Viva a Diferença* (2017/2018), Benê, Ellen, Keyla, Lica y Tina. En este enfoque, discutimos cómo las experiencias juveniles revelan formas únicas de relacionarse con el tiempo, de modo que se entienda que las temporalidades se ven afectadas por la heterogeneidad de las experiencias de las protagonistas. La metodología adoptada implica una comprensión de las televisualidades (ROCHA, 2016) a través del análisis de las trayectorias biográficas de los personajes. Fueron elaboradas tres categorías analíticas: “tiempo cotidiano”, “tiempo biográfico” y “tiempo familiar-social”. A partir de ellos, se observó que las trayectorias biográficas, así como sus inserciones sociales más amplias, inciden en la constitución de la experiencia temporal juvenil.

Palabras clave: Temporalidades; Juventud; *Malhação*.

Introdução

Ao longo de 25 anos na grade de programação da Rede Globo, *Malhação*³ se consolidou como um híbrido de série e telenovela⁴ que não é somente voltada para o público juvenil, como centrada em questões que concernem à juventude. A produção traz uma diversidade de temas associados aos conflitos geracionais com os pais, às primeiras experiências amorosas, ao estreitamento das amizades e às expectativas relacionados à entrada no “mundo adulto”. Para além dos temas específicos que envolvem as tramas e constituem os personagens e suas interações, há elaborações

³ *Malhação* foi ao ar pela primeira vez em 24 de abril de 1995, na faixa das 17h30, na Rede Globo. A ficção teve temporadas inéditas até o 2020, com *Malhação - Toda Forma de Amar* (2019-2020), quando, então, passou a reprisar temporadas de sucesso, como *Malhação - Viva a Diferença* (2017-2018, reprisada em 2020-2021) e *Malhação – Sonhos* (2014-2015, reprisada em 2021-2022). O último episódio de *Malhação* foi em 28 de janeiro de 2022, consolidada como o produto de maior tempo de exibição ininterrupto da teledramaturgia brasileira.

⁴ *Malhação* consolida-se como um formato híbrido e próprio por mesclar influências formais das telenovelas brasileiras e séries, ancorado na temática do universo juvenil, apresentando-se sob a forma de temporadas, nas quais há renovação do elenco e criação de novas tramas e subtramas (MAGALHÃES, 2021).



sobre as maneiras de ser jovem e uma indicação dos temas e conflitos que perpassam essa experiência — marcadas pela constituição e reafirmação das identidades, relações afetivas e amorosas, sonhos e expectativas — capazes de revelar compreensões sobre tempo.

O tempo se torna uma dimensão crucial para compreendermos a noção de ser jovem. Se, cotidianamente, a juventude é vista como uma fase transicional, associado a um “vir a ser”, incidindo sobre ela uma ideia de incompletude, Sousa (2017) trata esse momento em sua singularidade, observando não como momento projetivo, mas uma fase da experiência dos sujeitos, cujas temporalidades ganham uma tessitura singular, ancorada nas diversas formas de experiência juvenil. Assim, ao considerarmos as juventudes como um “conjunto heterogêneo, com diferentes parcelas de oportunidade, dificuldades e poder nas sociedades” (ABRAMOVAY, 2007, p. 21), problematizamos como os modos de vivenciar e organizar o tempo são tensionadas pela trajetória dos sujeitos.

De acordo com Melucci (1997), os tempos que experimentamos são bastante diferentes uns dos outros, articulados por tempos internos (nos quais se processam as emoções, afeições e relações cotidianas) e tempos externos, marcados pelas múltiplas esferas de interação e pertencimento social. Nesse sentido, a discussão temporal ganha uma dimensão identitária, pois a experiência dos sujeitos organiza o tempo de acordo com suas características cognitivas, emocionais e, ainda, sociais e culturais: “a organização de eventos e sua sequência, a relação entre eventos externos e internos, o grau de investimento emocional em várias situações — tudo se torna meio de organizar a própria biografia e definir a própria identidade” (MELUCCI, 1997, p. 9).

Assim, as temporalidades pensadas a partir das juventudes revelam uma deslinearização do tempo, marcadas pela heterogeneidade das experiências individuais. Tal heterogeneidade é, para Sousa (2017), derivada da forma como os jovens lidam com a descontinuidade e a diferenciação dos papéis que desempenham (filhos/as, alunos/as, jovens trabalhadores/as etc.) e da condição própria de jovens em sentido subjetivo e social, atendendo às demandas que recebem e aos posicionamentos que adotam no cotidiano.

É a partir dessa perspectiva que procuramos observar como se constituem as experiências juvenis e a organização das temporalidades em *Malhação – Viva a Diferença* (2017-2018), objeto de reflexão deste artigo. Esse produto midiático, ao se constituir como uma produção ficcional assentada nas experiências juvenis, é um



objeto interessante para a observação e análise das formas como as temporalidades são percebidas e ordenadas ao se representar diversas juventudes. Por isso, propomos, mais especificamente, compreender como se dá a organização das temporalidades a partir da representação das juventudes das coprotagonistas de *Malhação – Viva a Diferença*, Benê (Daphne Bozaski), Ellen (Heslaine Vieira), Keyla (Gabriela Medvedovski), Lica (Manoela Aliperti) e Tina (Ana Hikari). Para isso, realizamos um estudo televisual (ROCHA, 2016) da trajetória biográfica das personagens pelas categorias “tempo cotidiano”, “tempo biográfico” e “tempo familiar-social”, com o objetivo de perceber como as organizações temporais são tecidas ao longo da narrativa de *Malhação – Viva e Diferença*.

Destacamos ainda que essa temporada foi recortada porque, diversamente das edições anteriores, cuja história central envolvia um protagonista e seu par romântico, essa temporada articula cinco coprotagonistas que, pela diversidade biográfica, permite a observação de uma pluralidade de elementos na constituição da experiência juvenil, oferecendo terreno próspero para análise das representações das temporalidades juvenis.

As possibilidades dos jovens e as temporalidades juvenis

Os estudos sobre os jovens estão constantemente associados à ideia de tempo. No entanto, é recorrente a imagem do jovem como um “vir a ser”, como um projeto de adulto, um presente em flecha para o futuro (DAYRELL, 2003). Essa perspectiva, segundo Dayrell (2003), nega o presente do jovem como um espaço de formação, “assim como as questões existenciais que eles expõem, bem mais amplas do que apenas o futuro” (DAYRELL, 2003, p. 41). Ou seja, ao colocar a juventude como uma mirada para o futuro, prescinde-se do presente como tempo significativo, no qual se estabelece o tecido da vida social. Ao jovem, o presente emerge como um momento de projeções e expectativas, como uma penosa duração que não se realiza porque ainda não permite entrever as conquistas e realizações, fazendo do presente um tempo de “espera”. Essa perspectiva impinge ao tempo juvenil um caráter apassivador ao momento e aos seus sujeitos, destituindo-lhes de ação e potência na fase que lhes envolve.

Em contraposição a essa perspectiva, Sousa explica que (2007, p. 21), “os jovens exigem da sociedade o valor do presente como única condição de mudanças; reivindicam o direito à provisoriedade dos interesses, das agregações, à reversibilidade das escolhas, à pluralidade” e devem ser vistos não só como sujeitos em formação, mas



como atores sociais capazes de colocar movimento na sociedade, no *aqui e agora*. É no presente que os jovens concentram sua atenção e ação; é “quando e onde se formulam questões às quais se responde interrogando o passado e o futuro” (DAYRELL, 2007, p. 1112).

Assim, as juventudes vão se delineando como uma experiência contida e conformadora do tempo, constituída por uma tomada de posição, na qual o presente ganha relevo porque se torna um tempo vivificado pela experiência concreta, pela ação dos sujeitos. O tempo enquanto experiência passa a ser característica marcante dessas juventudes. No entanto, não se trata de um tempo linear, mera continuidade de um passado, mas um tempo enquanto possibilidade do ser e existir, levando em consideração que

O tempo individual e cada momento dentro dele não se repete nunca. Não somente ele não retorna em um ciclo repetitivo sem fim, mas tampouco será portador de outro sentido, outra finalidade senão aquela que os indivíduos e grupos são capazes de produzir para si mesmos (MELUCCI, 1997, p. 10).

Ao reforçar a ação e a vinculação com sua época como constitutiva da experiência temporal juvenil, podemos problematizar como os jovens permitem também compreender os movimentos do tempo social, inscrevendo-se como sujeitos contemporâneos, que permitem iluminar elementos de sua própria época. Na concepção de Agamben (2009),

Aquele que não coincide perfeitamente com o tempo, nem está adequado a suas pretensões e é, portanto, nesse sentido inatual; mas, exatamente por isso, exatamente através desse deslocamento e desse anacronismo ele é capaz, mais do que os outros, de perceber e aprender seu tempo (AGAMBEN, 2009, p. 58).

Assim, aos jovens, não lhes cabe somente integrar o tempo, mas agir sobre ele e, pelas questões que colocam — pelas não coincidências que nutrem com sua época — trazer à tona pontos de inflexão, dissonâncias e tensões pertencentes ao momento em que vivem. Dessa forma, há um entrecruzamento de tempos (articulados na vida social e na experiência juvenil) que rompem com a neutralidade e linearidade do tempo (e mesmo com as noções de mera continuidade) dando centralidade à experiência dos sujeitos e dos grupos sociais na constituição (material, imaginativa e criativa) de sua época.



Diante disso, parece-nos interessante olhar para o conceito de horizonte de expectativas de Koselleck (2014), para quem a organização temporal é feita à medida em que o presente se realiza. A partir deste estrato de tempo, o passado é remodelado e o um futuro é imaginado; ou seja, as experiências do porvir se redirecionam a partir do presente, de modo que há uma certa plasticidade do tempo:

As experiências são singulares na medida em que ocorrem e são repliáveis na medida em que são acumuladas. Por isso, toda história possui um duplo aspecto, aquele constituído pela experiência e aquele que pode ser derivado dela. Assim como acontecimentos singulares e surpreendentes evocam experiências e provocam histórias, também experiências acumuladas ajudam a estruturar as histórias em médio prazo (KOSELLECK, 2014, p. 36).

Assim, o tempo ganha ainda mais complexidade, em oposição à uma pretensa tentativa de homogeneização da experiência temporal. Para Kehl (2009), embora a construção do tempo seja social, de forma que sua organização e definição envolvem regulações sociais, há uma dimensão ativa dos sujeitos para com o tempo. Sendo assim, a temporalidade surge como um conceito com potencial subversivo às regulações impostas, neutralizadoras das diversas formas de sentir o tempo. Chamamos de temporalidade, à luz de Kehl, o agenciamento do tempo, a ação dos sujeitos *sob* e *sobre* o tempo. A temporalidade, portanto, suscita em nós essa dimensão ativa do indivíduo, que não é passível do tempo, mas age sobre ele, a partir de formas subjetivas e objetivas de lidar com esse tempo.

Dessa forma, se são várias as formas de movimento e experiência temporal, várias são as temporalidades existentes. Tal perspectiva, centrada na ação dos sujeitos na organização das temporalidades, nos permite entender que as diferentes maneiras de ser jovem deriva também das maneiras próprias de sentir e organizar o tempo. Essas maneiras revelam complexos e entrecruzados processos elaborados pelos jovens para dar sentido às suas vidas, dizerem de si, construírem o mundo e fabularem futuros e realidades possíveis. No entanto, em oposição a um viés individualizante, de acordo com Dayrell (2007), o lugar social dos jovens, sua condição juvenil, também atua e constitui a vivência dessa fase, bem como as maneiras de sentir e organizar os tempos.

Entendemos que não existe um bloco monolítico e homogêneo da juventude, mas muitos grupos juvenis, com características específicas, com pontos convergentes e divergentes entre si, pensamentos e ações comuns e contraditórias (ABRAMOVAY; ESTEVES, 2007). É por isso que analisar a construção da trajetória biográfica ficcional



de cinco jovens — com diferentes inserções e experiências sociais — pode ser iluminador das tensões que envolvem a experiência temporal dessas juventudes. Mais do que observar o tempo como uma fase etária ou como uma dimensão que incide natural e estruturalmente a todas e todos, problematizamos como as vidas e as experiências sociais enfocadas incidem e reverberam na maneira como se sente e se vive o tempo.

Assim, entrecruzamos uma leitura que procura apreender como cada personagem vivencia o tempo entremeado por uma constituição histórico-biográfica e um tempo cotidiano, no qual tecem suas relações e interações mais prosaicas. Isso se evidencia, por exemplo, na diversidade das expectativas de futuro construídas para as jovens personagens. Além disso, é também múltipla a forma como algumas delas lidam com os desafios cotidianos, podem centrar-se em questões pessoais, familiares e nos estudos, enquanto outras precisam articular necessidades colocadas pelo mundo do trabalho ou pela maternidade (conforme discutiremos adiante).

Para o público e ao longo da trama, as personagens são apelidadas de “as *five*”, compartilhando a centralidade das tramas em *Malhação*. Para discutirmos como as temporalidades são sentidas e organizadas na constituição das trajetórias juvenis das protagonistas, abordamos o entrecruzamento dos papéis sociais que as personagens encarnam, levando em conta sua relação com a escola, a formação familiar, o tempo livre, condição social, raça, orientação sexual, gênero, lugar onde vivem entre outras características que, em conjunto, participam da sua constituição biográfica. Em nossa perspectiva, há várias formas de sentir o tempo, de se posicionar em relação a ele, compor-lhe camadas, estratos e estabelecer relações tempo-históricas. Na análise, observamos como são representadas essas formas de sentir o tempo, a partir das juventudes em *Malhação – Viva a Diferença*.

Experiências temporais juvenis em *Malhação – Viva a Diferença*

Keyla, Ellen, Benê, Lica e Tina são jovens com diferentes características sociais e identitárias. As jovens protagonizam juntas, pela primeira vez na história de *Malhação*, uma temporada que se passa em São Paulo e não tem um par romântico dividindo os papéis principais. Intitulada *Viva a Diferença*⁵, a 25ª temporada de

⁵ Segundo o documento da TV Fronteira, afiliada da Rede Globo, nos oito meses de exibição de *Viva a Diferença* foram alcançados 175 milhões de telespectadores potenciais. Além da alta audiência, *Viva a Diferença* ganhou o *Emmy Internacional Kids 2019* com o prêmio de Melhor Série.



Malhação integra a ficção seriada mais longeva da televisão brasileira. Sua estreia aconteceu em 08 de maio de 2017 e ficou no ar até dia 03 de março de 2018. A tônica da trama, que se desenvolve em 213 capítulos, é a tematização da diversidade e da diferença entre seus personagens, passando pelos preconceitos identitários e sociais que envolvem o encontro e a amizade das jovens⁶.

As diferentes realidades das personagens se esbarram a partir do encontro das protagonistas no primeiro episódio da temporada, quando as jovens estão em um vagão de metrô e Keyla entra em trabalho de parto. Ela dá à luz a Tônico com a ajuda de Benê, Ellen, Lica e Tina e, a partir de então, elas se tornam amigas e passam a compartilhar seus dramas e desafios.

Benê é uma jovem com Síndrome de Asperger, branca, que estuda na Escola Pública Cora Coralina, onde a mãe é zeladora. Ela é estudiosa e tem dificuldades para fazer amizade até conhecer as outras garotas. Benê é apaixonada por piano, embora tenha aprendido a tocar tardiamente. A família da jovem consiste em sua mãe e seu irmão, pois foram abandonados pelo pai e marido quando Benê era criança. Keyla vive apenas com o pai, viúvo. Ela também estuda na escola pública e engravidou aos 16 anos e tenta organizar sua vida a partir da maternidade, seus estudos e conflitos amorosos heterossexuais.

Ellen também estuda na escola pública e é uma garota inteligente, com grandes habilidades de programação e computação, sendo descrita na trama como *hacker*. Ellen é a única protagonista negra e moradora de periferia da temporada. Ela mora com a avó, a mãe e o irmão na Vila Brasilândia. O pai, que a ensinou computação, foi morto em um tiroteio no Espírito Santo quando ela ainda era criança.

Lica é filha do proprietário do Colégio Grupo e de uma modelo aposentada e é apresentada como uma jovem rebelde, que gosta de festas e baladas. Mais tarde na trama, enfrenta problemas com drogas e passa a fazer um tratamento acompanhado por psicólogos. Ela vive em conflito com os pais devido ao processo de separação e formação de nova família e, nesse contexto, passa a morar somente com a mãe numa região nobre de São Paulo. A jovem começa a trama namorando um garoto, mas ao fim da temporada assume um romance com uma garota, protagonizando o primeiro beijo homoafetivo da história de *Malhação*.

⁶ Em 2020, foi lançada *As five*, uma série *spin-off* de *Malhação – Viva a Diferença*, que mostra a história de Benê, Ellen, Keyla, Lica e Tina no início da vida adulta. A série, já tem duas temporadas disponíveis na *Globoplay*, plataforma de streaming da Globo, e teve sua renovação confirmada.



Já Tina é musicista e vem de uma família de ascendência japonesa. A jovem vive em conflito entre seus sonhos e planos e as tradições e expectativas familiares. A família deseja que ela seja médica e se case com um jovem também de ascendência japonesa. Ao longo da trama, ela namora um jovem negro, Anderson, irmão de Ellen. Entre as diversas brigas com sua família, ela é enviada para o Japão para se distanciar do namorado.

Partindo dessa apresentação das trajetórias biográficas das cinco garotas, bem como procurando entender a relação dessas juventudes com o tempo, realizamos a análise dessas trajetórias juvenis a partir de três categorias: a) o *tempo biográfico*, no qual se tornam explícitas as correlações temporais empreendidas pelas personagens, evidenciando como cada uma delas lida com a juventude e onde essa juventude se localiza temporalmente entre passado, presente e uma confecção de futuro; b) *tempo familiar-social*, no qual emergem os conflitos entre os processos pessoais e as projeções familiares, criando dissonâncias e tensões entre expectativas sociais e familiares com relação às formas como elas devem viver e sentir o tempo; c) o *tempo cotidiano*, no qual apresentamos as diversas formas de dispor do próprio tempo, entre suas demandas pessoais, escolares, de trabalho, de tempo livre, de entretenimento, entre outras.

Tais categorias foram construídas a partir da observação e reconstituição da trajetória das personagens dando especial destaque à forma como o tempo e as temporalidades juvenis emergem nesse produto midiático. A metodologia de trabalho se desenvolveu a partir de uma abordagem das televisualidades (ROCHA, 2016), que aciona a cultura visual, problematizando as construções culturais da experiência cotidiana, bem como nas mídias, representações e artes visuais, tendo como foco a análise das imagens (*pictures*) como elementos dos processos de produção de sentido em contextos culturais.

Dado o grande volume de episódios que compõe essa temporada, organizamos uma descrição global da trajetória das personagens a partir de um diário de campo da série e tomamos como *corpus* algumas situações-síntese, nas quais aparecem as questões temporais mais evidenciadas na trajetória de cada uma delas. Tais situações síntese foram objeto de uma transcrição discursiva e visual.



As *five* e suas experiências temporais

a. O tempo biográfico

Nesta categoria olhamos para a trajetória das personagens e sua relação temporal com suas juventudes; ou seja, um olhar para o tempo em que essa experiência juvenil está localizada. Interessa-nos, aqui, entender o agenciamento do tempo que a juventude provoca nas personagens. Começamos pela Benê, que ao início da trama nos dá impressões de solidão e impossibilidade do ser jovem enquanto grupo, socialmente, tendo seu círculo social restrito à sua família – a mãe, Josefina, e o irmão, Julinho.

Benê, ao longo dos capítulos, sofre *bullying* na escola: ela é chamada de esquisita e “retardada” por algumas colegas, que fazem referência à condição Asperger dela. Quando estabelece laços de amizade, ela passa a levantar mais a cabeça, enquanto gesto físico e corporal, e reagir, especialmente quando está com as amigas. Em diversos momentos, a personagem situa o encontro no vagão e as novas amizades como um ponto de inflexão na sua vida, momento a partir do qual ela organiza suas experiências juvenis. A juventude dela, então, se localiza nesse presente, na possibilidade de pertencer e ser, finalmente, parte de um grupo.

Figura 1: Benê deitada com suas bonecas, uma representando cada amiga



Fonte: Printscreen/GloboPlay

Já Ellen é apresentada como uma jovem muito inteligente que se sente pouco à vontade com a troca de afeto e abraços. Ainda no início da trama, a mãe de Ellen, Nena, é chamada pela diretora na escola para uma conversa e revela que Ellen viu o pai ser assassinado por uma gangue, ao ser confundido com outra pessoa, na periferia em que moravam. Desde então, ela teria se tornado uma garota tímida, mas sempre estudiosa.



Por muitas vezes, Ellen lembra-se do pai quando precisa tomar alguma decisão, entrecruzando suas lutas no presente com uma força residual advinda do passado. Um desses exemplos é quando Ellen ganha uma bolsa de estudos no Colégio Grupo, escola particular da trama, e é zombada pelos colegas por sua condição social. Na cena, os colegas da garota deixam uma caixa de balas em sua mesa, para que ela venda e consiga pagar sua viagem para uma feira de tecnologia, ao que ela lhes confronta:

Ellen: Ao contrário de muitos que estão aqui agora, que as vezes nem sabem o que é isso, eu valorizo muito o trabalho. Minha família trabalhou muito para vencer na vida, eu só tenho bom exemplo. O meu pai... O meu pai era um homem muito honesto. Meu pai era apaixonado por aprender, por ensinar e ele me ensinou tudo que eu sei hoje. A gente morava em um lugar muito violento e sem segurança. O meu pai, ele morreu com muitos tiros, com balas que não eram pra ele. E nesse dia.... Nesse dia, eu descobri que a gente precisa brigar muito pela vida. Hoje, nessa escola, eu decidi que eu vou vencer essa briga. Sem a ajuda de vocês. Eu vou chegar aonde eu quiser, pelo meu próprio esforço, pela minha própria inteligência. E ninguém vai me fazer abaixar a cabeça, nunca mais.

(MALHAÇÃO VIVA A DIFERENÇA, 21'45", Ep. 132, 09/11/2017)

Nessa cena, entendemos que a juventude, enquanto realização, para Ellen, se concentra no futuro, que é projetado com base nos seus sonhos e relações da infância, e é reivindicado e imaginado a todo momento. O futuro de Ellen não está dado e, como ela mesma diz, terá que “brigar muito” por ele, o que revela uma grande discrepância em relação às pretensões de futuro dos jovens brancos e ricos de sua sala.

No caso de Keyla, nos parece que a garota tem uma juventude negada por ser mãe adolescente — situando o ser jovem como uma vivência passada. No primeiro episódio da trama, quando sai para ir à obstetra antes do horário da escola, Keyla fala que, até a hora do parto, teria uma vida normal, não faltaria a escola. No entanto, após dar à luz a seu filho, ela é chamada constantemente de irresponsável pelo pai que, a todo tempo, afirma que a sua vida é e deve ser muito diferente devido à maternidade.

Keyla conversa com a diretora da escola com o intuito de voltar aos estudos, mas tem dificuldades para convencê-la das suas intenções. O discurso que a cerca é o de que ela tem uma nova realidade e que terá de renunciar a muita coisa para se dedicar à maternidade. O discurso machista que envolve a personagem alterna entre uma punição por ter engravidado e a sua responsabilização individual pela criança. Keyla é sempre lembrada desta nova realidade e que a juventude que conheceu e desfrutou está no passado, de forma a ser negada no presente, num processo de adultização.



Já para Lica é permitida uma juventude no presente, sem que o futuro seja uma grande preocupação. A garota gosta de sair com os amigos, dar festas e passar a noite fora. O que se cobra de Lica é um amadurecimento para lidar com suas frustrações em relação à separação dos pais. Em determinado momento da trama, quando Lica “torna-se menos rebelde”, a maturidade dela é elogiada e destacada, como ocorre na situação abaixo, em diálogo com seu orientador educacional, Bóris, após a jovem atuar como representante estudantil na reunião de Pais e Mestres:

Lica: Eu tava super nervosa, sério. Mas, ainda bem que deu tudo certo. O livro do meu avô que você me deu me ajudou muito, sobre argumentação.

Bóris: Argumentação essa que você soube usar muito bem. Sabe, tranquila, ponderada. Bem diferente daquela Lica que arremessou a mala do pai pela janela há uns meses atrás, hein?

Lica: É, quem diria, né?

Bóris: Eu. Eu diria. Eu sempre vi muito potencial em você, Lica. E eu tô achando ótimo que você esteja canalizando toda essa energia para um objetivo comum.

(MALHAÇÃO VIVA A DIFERENÇA, 01'52”, Ep. 74, 17/08/2017)

A maturidade cobrada de Lica não exige que ela se torne adulta (como ocorre com Keyla), mas que lide com suas questões com menos “rebeldia”. Quanto ao futuro de Lica, nos parece que não há algo a ser reivindicado, as possibilidades são certas. Por exemplo, o acesso ao ensino superior apresenta-se como algo já garantido e esperado, de modo que ele não figura, em nenhum momento, como uma questão na trajetória da jovem. A acolhida no presente e as “garantias” de apoio e suporte para a continuidade dos estudos e o investimento no futuro se tornam evidentes quando Lica sofre uma overdose por uso de drogas e fica hospitalizada. Depois disso, ela e a mãe passam a fazer terapia e, posteriormente, realizam juntas uma viagem a Paris, durante as férias, para que a jovem faça um curso de verão.

Já Tina, desde o início da trama, nos apresenta como drama central um embate complexo e cotidiano com a mãe quanto aos projetos relativos ao futuro da jovem. Enquanto Tina deseja se dedicar à música, Mitsuku espera que a filha seja médica. Por depender da mãe, Tina está submetida a uma grande pressão por disciplina e dedicação aos estudos. Nesse sentido, a mãe da garota faz com que a juventude dela seja apenas um degrau para a vida adulta e, por outro lado, Tina reconhece a juventude como momento crítico para a realização de rupturas e tensionamentos no presente, viabilizando transformações no seu futuro.



Ao fim da trama, com a renda alcançada com direitos autorais de uma produção musical, Tina investe em uma produtora musical com Anderson e decide sair de casa. A jovem, ao desorganizar as expectativas da mãe e da tradição familiar, afastando-se delas, planeja e constitui um futuro outro em que possa viver como sente-se mais feliz. Percebemos que a forma como o tempo é compreendido e organizado na trajetória biográfica das jovens revela certa plasticidade, nos termos de Koselleck (2014), ao evidenciar como as ações dos sujeitos permitem um rearranjo e um tensionamento do horizonte de expectativas com as quais as jovens se veem implicadas.

b. Tempo familiar-social

Percebemos em Tina que o seu tempo biográfico é muito afetado pelo seu tempo familiar-social devido ao conflito entre as tradições familiares e a vida da jovem. Para Mitsuku, sua filha deveria se casar com um jovem descendente de japoneses, cursar medicina e ter uma carreira como a dela. No entanto, os desejos e sonhos artísticos de Tina desorganizam suas expectativas.

Essa desorganização da expectativa de futuro projetado por Mitsuku aparece em várias cenas, em que a mãe acusa as novas amigas e o namorado da jovem, Anderson, de influenciarem as condutas da filha:

Mitsuku: Filha, quando é que você vai perceber que esse seu namorado e essas novas amizades estão te influenciando? Você costumava tocar seu violoncelo tão bonito, aquelas músicas eruditas, lindas. E, aí, agora me vem com essas músicas de...

Tina: Músicas de quê, mãe? Fala! Música de pobre? Música de Preto?

Mitsuku: Não coloque palavras na minha boca.

Tina: Eu só tô dizendo o que você pensa e não tem coragem de falar.

Mitsuku: Esse não é o ponto. O ponto é que você não está se concentrando nos estudos. Fica aí fazendo esse tipo de coisa e suas notas, oh, tão cada vez piores. Piorou em física, em química, não tá frequentando as aulas de revisão para o vestibular. Desse jeito você nunca vai entrar em medicina.

Tina: O que não é nenhuma tragédia, né? Porque eu não quero passar em medicina.

Mitsuku: Não fala isso, filha. É o meu sonho!

Tina: É o seu sonho, não é o meu.

(MALHAÇÃO VIVA A DIFERENÇA, 11'47", Ep. 70, 11/08/2017)

Esse diálogo demarca uma pressão familiar para que Tina siga os caminhos escolhidos por sua família, mas sinaliza que a jovem é firme em sonhar o próprio futuro. Para Tina, a juventude se localiza, justamente, nesse futuro outro, que ela sonha



e deseja experimentar na música e no seu relacionamento com Anderson. Parece-nos que o presente se configura como um momento de resistência às pressões familiares.

Figura 2: Tina discute com Mitsuko sobre expectativas da mãe



Fonte: Printscreen/GloboPlay

O tempo familiar-social de Lica também envolve um embate entre o conservadorismo político e sexual do pai com relação à filha. Ainda no início da temporada, Lica propõe manifestações e movimentos dentro do Colégio Grupo, que é dirigido pelo seu pai, Edgar. Aqui aparece um conflito de gerações, em que o pai simboliza o conservador, tradicional, com o qual Lica, jovem, contemporânea, quer romper. Uma cena marcante dessa relação conflituosa entre pai e filha, de suas gerações e crenças, é a cena em que Lica faz uma manifestação no pátio da escola e leva um tapa de Edgar.

Figura 3: Lica participa de manifestação e Edgar lhe dá um tapa



Fonte: Printscreen/Globoplay



Um outro momento em que o embate de gerações e de crenças ocorre quando a garota começa a se relacionar com Samantha, sua colega de sala, protagonizando o primeiro casal lésbico de *Malhação*. Edgar mal aceita a relação e preocupa-se de investidores verem a filha dele com outra garota no pátio de sua escola. Em um diálogo com a mãe da jovem, ele deixa claro seu conservadorismo:

Edgar: Em que país você vive? Isso aqui não é a Holanda, Marta. A Lica foi vista trocando carícias com a Samantha na minha escola.

Marta: E?

Edgar: Não se faça de tola. O Grupo é a escola do pai dela, até a Malu ficou escandalizada.

Marta: Edgar, a orientação sexual dos alunos não diz respeito à escola. E os jovens, hoje, têm uma sexualidade muito mais fluida, eles experimentam muito mais, sem tanto peso. Isso não define orientação sexual.

Edgar: E se você estiver enganada? E se definir?

Marta: Se definir, então nós vamos apoiar a Lica, contra pessoas preconceituosas e retrógradas como a sua mulher, que fez fofoca só porque a Lica não aceitou a proposta dela.

(MALHAÇÃO VIVA A DIFERENÇA, 26'31", Ep. 181, 18/01/2018)

Para Lica, o conflito com o pai tem reflexos em todas as suas relações e posicionamentos. A garota constantemente diz ter medo de ser igual ao pai, de trair a confiança das pessoas tal como ele fez com ela e a mãe. Assim, observamos também a grande influência do tempo familiar-social de Lica na sua própria relação com sua juventude, num entrecruzamento de tempos.

No caso de Benê, ao longo da trama, ela começa a viver alguns conflitos da adolescência, como descoberta da sexualidade, primeiro namoro, planos para a faculdade, entre outros. No entanto, em muitas cenas ela aparece com bonecas e sofre uma certa infantilização por sua mãe. Josefina a vê como uma pessoa muito forte, mas, ao mesmo tempo, frágil e necessitada de cuidados, como demonstra o diálogo a seguir, que a mãe tem com Dóris, diretora da escola em que Benê estuda:

Dóris: Eu tenho certeza que a Benê vai sentir muita saudade dessa fase. Mas pra ela as coisas vão ser sempre um pouquinho mais difíceis.

Josefina: É tão bonito ver ela com as amigas, Dóris. Interessada nos meninos, agora. O problema é que a gente sabe o que vem junto, né, quando a gente se joga no mundo. Será que ela vai dar conta?

(MALHAÇÃO VIVA A DIFERENÇA, 19'27", Ep. 84, 31/08/2017)

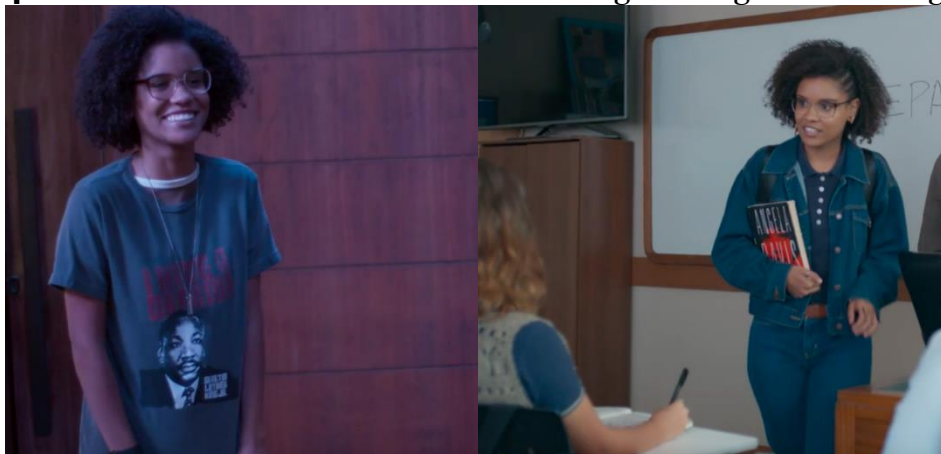
O tempo social-familiar para a trajetória de Benê afeta não só a possibilidade de viver a juventude, como na realização de projetos para o futuro. Ao ser convidada por Guto para fazerem faculdade em Campinas e morarem juntos, Benê fica confusa, por



nunca ter ficado longe de sua mãe. Mas a dificuldade maior se apresenta porque a jovem só poderia estudar se recebesse uma pensão do pai que, ao fim da trama, reaparece e concede a pensão, como uma redenção pelo abandono no passado.

Já a família de Ellen projeta e imagina o futuro da jovem como resultado do empenho e das lutas por melhores condições de estudo. Para a família, a base desse desejo é também social, diz respeito à uma ancestralidade muito presente na vida e nas vestimentas da garota, que constantemente aparece vestida com blusas que estampam o rosto de personalidades como Frida Khalo e Martin Luther King, símbolos de lutas feministas e antirracistas, além de carregar livros, como o *Mulheres, Raça e Classe*, de Angela Davis. A ancestralidade se manifesta nas figuras de Dona das Dores, avó de Ellen, e a mãe, Nena, que por várias vezes acionam o histórico familiar e a trajetória negra para incentivar a jovem a projetar um futuro.

Figura 4: Ellen veste blusa com foto de Luther King e carrega livro de Angela Davis



Fonte: Printscreen/Globoplay

Em outro momento, Ellen está confusa sobre aceitar a bolsa para estudar na escola particular, então, Nena conversa com a filha sobre ela poder contribuir para mudar as estruturas que existem na sociedade:

Nena: Sabe o que eu acho, minha filha? A gente passa a vida toda escutando que faz parte de um grupo, que tá tudo pré-determinado... Se você nasce assim vai ter a vida tal, se nasce assado vai ter outra. Mas quando a gente percebe que não é bem desse jeito, que a gente merece e tem o direito de tá em outros lugares, a gente balança. (...) Então, minha filha, se você não aceitar essa bolsa nós teremos um jovem negro a menos numa escola particular. E nenhum aluno negro no Colégio Grupo.

(MALHAÇÃO VIVA A DIFERENÇA, 08'31", Ep. 89, 08/09/2017)



Há, assim, uma expectativa da família de Ellen sobre o futuro da garota e do seu potencial de desarranjo das estruturas sociais racistas e desiguais. A jovem se mostra frustrada e cansada de todo o processo, mas também imagina um futuro de estudos na universidade. Desejo esse que, ao fim da trama, se realiza quando Ellen é convidada a se graduar no MIT (Instituto de Tecnologia de Massachusetts).

Na história de Keyla, os tempos se mostram entrecruzados e podem ser vistos com mais clareza se articularmos o tempo familiar-social com seu cotidiano. Isso acontece, principalmente, porque o peso do papel social de ser mãe ganha transversalidade na sua trajetória, incidindo nas relações íntimas e pessoais, havendo pouco espaço de fuga ou desarranjo de suas possibilidades de viver a juventude.

Para Keyla, o tempo de ser jovem estaria no passado, de modo que sua juventude passa a ser negada na trajetória da personagem. Ao meio da trama, quando passa um tempo na casa da avó, no interior, durante as férias, a jovem retorna diferente, segundo Roney e Josefina, “mais madura”. Tal mudança aparece não só nos diálogos, mas no próprio jeito de se vestir de Keyla (com roupas no estilo “Anos 1950”), que é incentivada a tomar uma “postura” de mãe, não mais de jovem. Também Deco, o pai de seu filho, quando se prepara para mais uma viagem a trabalho, diz a Keyla que ela está diferente, que não é mais “aquela menina”, ao que ela lhe responde: “difícil crescer, né? Principalmente quando você é obrigada a amadurecer rápido. Ter filho é assim, né? Tipo entrar num furacão. Mas eu já tô sentindo que meus pés tão chegando no chão”. Para Keyla não só é negada uma juventude, que ficou lá atrás, antes de ter filho, como também é instada a conciliar seus planos futuros (e presentes) com a maternidade, precisando colocar sua vida íntima e seus estudos em segundo plano, em prol da conquista de uma posição idealizada de mãe.



Figura 4: Contraste nas vestimentas de Keyla no início da temporada e mais ao fim



Fonte: Printscreen/Globoplay

c. Tempo cotidiano

O tempo cotidiano de Keyla é explicitado pelo seu desdobramento em diversos papéis (jovem, mãe, amiga, filha, estudante, entre outras), a partir do qual emerge uma fragmentação do seu dia a dia. Isso se evidencia pela irrupção de demandas do filho, como ocorre quando Tônico fica doente e ela recebe uma ligação da creche no horário da aula dizendo que ela precisa buscá-lo, desorganizando o cotidiano. Em uma dessas ocasiões, conversando com o filho, depois de chegar em casa, ela diz: “difícil ser mãe, adolescente e solteira. Sem um pai presente fica duas vezes mais difícil, sabia? Dorme aí que a mamãe tem muita coisa pra fazer”.

O cotidiano de Lica e Tina já se revelam semelhantes em termos de organização temporal. As garotas parecem ter uma certa estrutura que permite que elas se dediquem aos estudos e tenham mobilidade e liberdade para sair com os amigos, namorar, se divertir e se dedicar a atividades artísticas e culturais (como a música e as artes visuais). A diferença se dá no aproveitamento do tempo livre, de sociabilidade. Lica goza de maior liberdade do tempo cotidiano, principalmente pela facilidade que a garota tem de sair à noite nas baladas, para, no dia seguinte, ir para a escola. No caso de Tina, diante da desaprovação familiar com seus relacionamentos (tanto com as amigas da escola pública quanto do namoro com Anderson), há certa rigidez e controle da parte de Mitsuko, que monitora onde a filha está, o que deixa a garota um pouco mais fixa quanto a sua organização cotidiana.

A arte, para Lica, e a música, para Tina, aparecem com *hobbies*, atividades extraclasse, mas sem uma pressão para que elas as pratiquem com alguma finalidade



específica. Já para Benê, a música é muito associada com o seu projeto de futuro. Ela se dedica e chega a passar horas treinando e ensaiando peças no piano porque essa prática abre-lhe uma possibilidade de inserção no ensino superior. Dessa forma, o tempo cotidiano da jovem parece ser dividido entre: o piano, os estudos escolares e o encontro com as amigas.

Já o tempo cotidiano de Ellen é marcado pela falta de tempo de ser jovem, uma juventude inalcançada no presente. Enquanto suas amigas têm tempo livre durante a semana, namoram e se divertem, Ellen é a única delas que trabalha e precisa dividir seu tempo entre trabalho, estudos e vida social. Mais uma vez, o que parece é que Ellen não tem tempo de ser jovem no presente, pois ela precisa reivindicar um futuro e um lugar nesse futuro é trabalhoso.

Considerações Finais

Diante da análise realizada, percebemos como a trajetória biográfica de cada personagem constrói uma relação singular com o tempo. Entendemos que, apesar de formarem um grupo, essas garotas estão inseridas em diferentes contextos sociais, familiares e culturais, nos quais suas experiências temporais são organizadas de forma singular. Notamos ainda que as diferentes condições e trajetórias de cada personagem afetam as formas com as quais elas reivindicam um futuro, planejam o cotidiano, olham para o passado, ou seja, sentem o tempo.

Partindo das reflexões sobre o tempo enquanto experiência (MELUCCI, 1997), compreendemos como se dá essa singularidade de organização temporal para cada uma das personagens analisadas, em especial a partir do enfoque na dimensão ativa do sujeito para sua elaboração. Notamos que a personagem Benê agencia seu tempo presente a partir de um marcador, o encontro com as amigas, para situar sua entrada na experiência juvenil. Este encontro aparece como um momento de inflexão, que separa sua vida antes e depois de fazer amizades. Já para Ellen a relação mais tensionada com o tempo é direcionada ao futuro (bem como sua experiência juvenil), enquanto um tempo projetivo a ser reivindicado com base em suas lutas no presente, sustentadas pelo apoio do entorno familiar e as referências ancestrais.

Keyla, contudo, tem sua juventude situada no passado, como encerramento, por sua condição de mãe. O tempo de sua juventude é tido como finalizado, pois a jovem passa por um processo de adultização com base em suas responsabilidades de mãe-solo. Já Lica, sustentada por uma série de privilégios sociais, vive sua experiência



juvenil com olhos para o presente, sem que o futuro seja uma grande preocupação. Aliás, para ela, o tempo passado é visto como um tempo de aprendizagens a partir das experiências familiares, no qual “erros cometidos” sustentariam seu amadurecimento e transformação. Tina, em outra direção, encara o presente como um degrau para a vida adulta, procurando desentranhar-se do seio familiar como forma de encontrar liberdade.

Evocamos aqui, novamente, a noção de horizonte de expectativas de Koselleck (2014) para entender a plasticidade do tempo e das implicações da experiência sociocultural na organização temporal. Esta perspectiva aparece como potência para pensarmos o tempo familiar-social das personagens, tão distintos. A família de Tina aparece como um tensionador da tradição *versus* o contemporâneo. Esse embate geracional aparece também na vida de Lica, pois a jovem teme ser igual ao pai em suas condutas, principalmente afetivas, demonstrando como o tempo familiar influencia na relação com sua própria juventude e conduta moral.

Ainda pensando no tempo social-familiar, Keyla é conduzida, pela família e pelos companheiros, a passar pelo processo de adultização enquanto uma exigência da maternidade. Já Benê sofre uma infantilização, por sua condição Asperger. Nesse sentido, vemos como diferentes contextos acionam diversas formas de sentir e lidar com o tempo, não só pelas personagens, mas pelo ambiente e pelas pessoas que as cercam. No caso de Ellen, a ancestralidade negra e o histórico familiar são acionados como potência de transformação e incentivo para a jovem.

Kehl (2009) nos apontou o perigo de pensar o tempo enquanto homogêneo – o que levaria a uma percepção da juventude como uma fase indistinta. A autora problematiza o caráter ativo dos sujeitos para organização e a definição desses tempos como algo entretido na vida cotidiana. Diante disso, observamos como as temporalidades ganham espessura nesse foro marcado pelas rotinas das personagens. A Keyla, cabe uma experiência fragmentária do tempo cotidiano, dada a condição de mãe-solo da jovem, uma vez que é esperado que ela esteja sempre disponível para as emergências do cotidiano familiar e as necessidades do seu bebê. Em seu cotidiano, ela vive uma intensa alternância de papéis, se desdobrando entre seu lugar de amiga, estudante, filha, namorada – embora todas essas atuações sejam, necessariamente, suplantadas pela maternidade.

Para Ellen, há uma aceleração e um esgotamento do tempo, pelo volume de atividades que ela desenvolve mirando seus sonhos, encontrando no futuro um refúgio



e um tempo de realização. Das garotas, ela é a única que precisa conciliar o tempo social e estudantil com uma jornada de trabalho. O empenho em relação a uma profissionalização aparece também no cotidiano de Benê, que se dedica durante boa parte de seu dia aos estudos de piano e à rotina escolar. No entanto, no caso desta última, a aprendizagem do piano figura como um gesto libertador e engendrador da sua experiência juvenil no presente, que a coloca em contato com emoções, amizades e um processo interior de autocompreensão e acolhida.

Tina e Lica aparentam ter uma estrutura que lhes permite uma certa fluidez no seu dia a dia. As jovens conseguem conciliar demandas escolares com uma vida social mais agitada, sair com amigos, namorar, se divertir e se dedicar a atividades artísticas. Contudo, o preconceito social e o racismo são os marcadores de uma mudança na experiência do tempo cotidiano para Tina, diante do seu namoro com Anderson e, cabe a ela, na sua trajetória, opor-se a esse controle familiar e criar possibilidades de futuro alternativas às já oferecidas a ela.

Assim, cada uma das posições e papéis que as jovens adotam social e culturalmente, como escolaridade, formação familiar, tempo livre, classe social, maternidade, raça, orientação sexual, gênero, lugar em que vive, entre outras características, têm desdobramentos singulares no que se refere à relação que cada uma tem com o tempo, como elas o sentem e o organizam. Isso nos indica que se são diversas as juventudes, também são vários os tempos de ser jovem.

Referências

ABRAMOVAY, M; ESTEVES, L. C. Juventude, juventudes: pelos outros e por elas mesmas. In: ABRAMOVAY, M; ANDRADE, E. R; ESTEVES, L. C. (Orgs). **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Unesco, 2007. p. 19-54.

AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? In: _____. **O que é o contemporâneo?** E outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009. p. 57-73.

DAYRELL, J. **A escola “faz” as juventudes?** Reflexões em torno da socialização juvenil. Educ. Soc., v. 28, n. 100 – Especial, p. 1105-1128, out. 2007.

DAYRELL, J. **O jovem como sujeito social**. Revista Brasileira da Educação, n. 24, p. 40-52, 2003.

KOSELLECK, R. **Estrato do tempo: estudos sobre história**. 1. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.



MALHAÇÃO Viva a Diferença. Direção de Paulo Silvestrini. Rio de Janeiro: Rede Globo, 2017. Disponível na Globo Play, son., color.

FERREIRA, A. M. **Viva a diferença?** as representações das juventudes e das narrativas da diferença em Malhação, sob um olhar decolonial. 2021. 192 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2021.

MELUCCI, A. Juventude, tempo e movimentos sociais. **Revista Brasileira de Educação**, n. 5, p. 5-14, 1997.

ROCHA, S. M. Os *visual studies* e uma proposta de análise para as (tele)visualidades. **Significação: Revista de Cultura Audiovisual**, v. 43, n. 46, p. 179-200, 2016.

TV FRONTEIRA, Marketing. **Oportunidades comerciais de Malhação Vidas Brasileiras**. Presidente Prudente, 2018. Disponível em: <<http://tvfronteira.com.br/mktdir/2018/03/64766ea1c4d35foff8937f5b6777eb9b.pdf?ts=1520423007>>. Acesso em: 19 fev. 2020.

★

Este é um ARTIGO publicado em acesso aberto (*Open Access*) sob a licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições, desde que o trabalho original seja corretamente citado.